

Perturbar e existir: pixo, gênero e sexualidade

Vinicius Santos Almeida

A pixação agrega corpos marginalizados na cidade em busca de demarcação de território e doses de adrenalina. A própria grafia da palavra pixação com x demarca uma posição de desvio na linguagem e na ocupação e demarcação de territórios, expressando sua independência e autoafirmação frente às normas sociais.

Pode ser que alguém considere que pixação mesmo é aquela que encontramos em muros e fachadas e que o resto é rabisco ou qualquer outra coisa. Supomos que quem pixa não está preocupado com o que ‘os de fora’ pensam. Quem dá significado ao pixo é quem pixa, certo? Mas e quando há conflitos de interpretação? Neste texto, defenderemos que os escritos não autorizados nas cabines de banheiros públicos são pixos por se constituírem como potencialmente perturbadores de normas e como produtores de novos significados nas paredes (de reservados)

da cidade.

Há diversos trabalhos que abordam os primórdios da pixação no Brasil. Aqui, lembramos apenas que a pixação enquanto movimento ganha força em São Paulo na década de 1980. Até então, intervenções visuais nos muros da cidade existiam em configurações diferentes: as críticas à Ditadura Militar e o grafite (ainda ilegal) que surge na década de 1970 em São Paulo são dois exemplos (Franco, 2009). A propósito, é relevante notar que um dos precursores do grafite paulistano, Hudnilson Jr., trabalhou a homossexualidade em suas obras de forma explícita. Portanto, gênero e sexualidade compõem a memória dessas intervenções visuais no espaço urbano.

Na pixação feita nos anos 1980, não encontramos relação direta com uma ideologia externa, por exemplo, o comunismo. Se no início, a ação era “despretensiosa e destituída de

ideologia” (Lassala, 2012, parag. 2), logo ela se constituiu em um risco para a ordem, não apenas por denunciar a desigualdade na cidade, mas por interferir no status quo da paisagem urbana. A estética do pixo coloca em evidência embates entre grupos socialmente desiguais (Larruscahim; Schweizer, 2014) que demarcam um lugar de autorrepresentação e se fazem ouvir de forma compulsória.

Investigando esse processo e analisando o pixo como objeto filosófico, Marcia Tiburi (2013) enxerga na pixação uma ideologia própria. Será que aquela nos banheiros públicos também é dotada de ideologia?

Em 1984, Gustavo Barbosa publicou *Grafitos de Banheiro*, um livro onde apresenta sua investigação sobre os significados da “escrita latrinária”, ou “grafitos de latrina”, encontrados em banheiros públicos de diversas cidades brasileiras no início da mesma década. Nele, o autor defende que esses escritos configuram um tipo de “transgressão suja” (Barbosa, 1984, p. 16) por desafiar a funcionalidade dos banheiros públicos. No prefácio ao livro, Herbert Daniel chama esses escritos de “hieróglifos da desobediência” (Barbosa, 1984, p. 10), enfatizando o incômodo à ordem que eles produzem, mesmo em um espaço tão... qualquer... como o banheiro público.

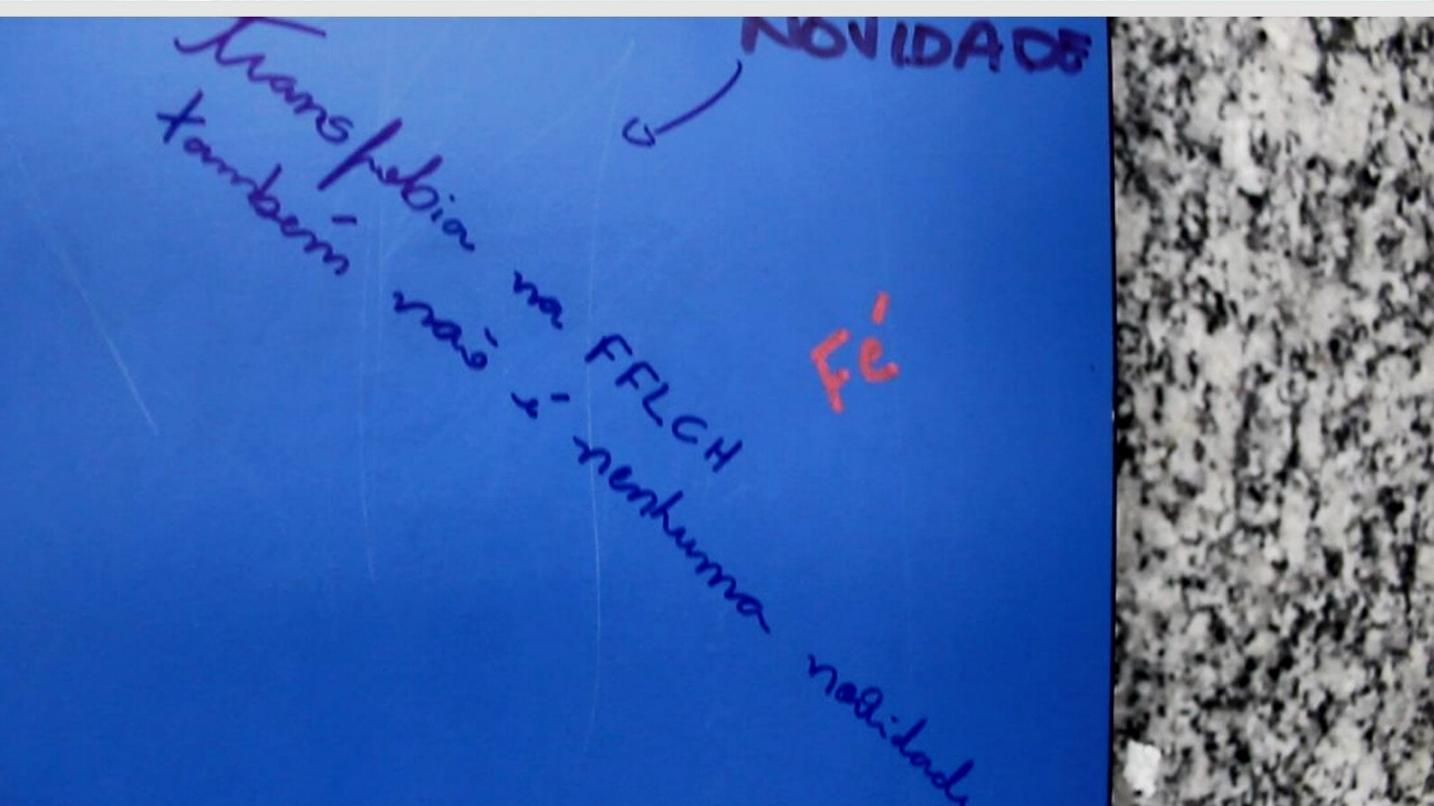
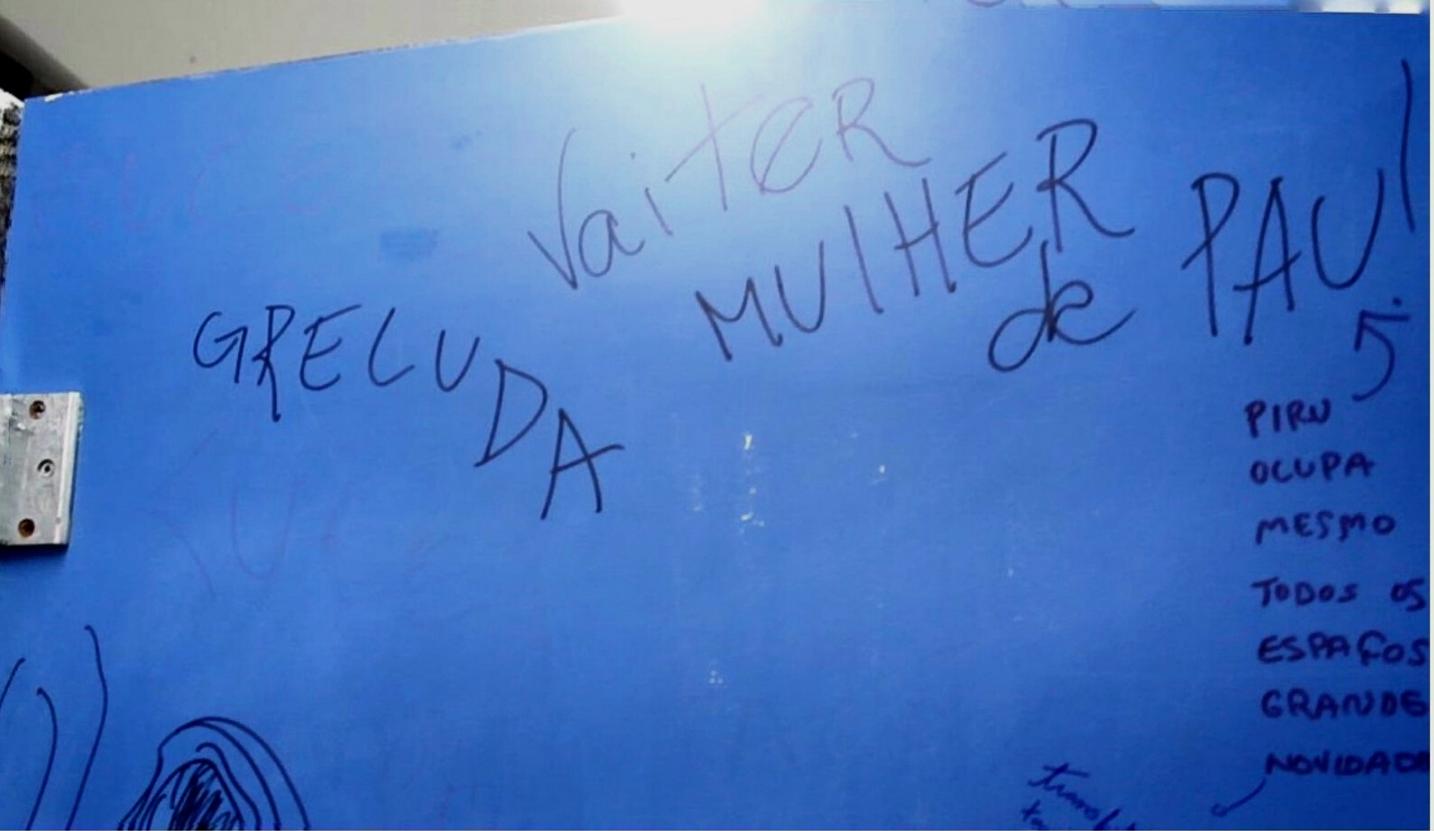
Ferramenta no processo de disciplinarização e vigilância dos corpos, o banheiro público retira do espaço público características do corpo que, a

partir de determinado momento na História recente, passaram a causar nojo. A noção de corpo dócil de Michel Foucault contempla a higiene e a privatização da sujeira. Popularizado no início da formação da classe burguesa europeia no final do século XIX, o banheiro público é o ambiente onde o corpo se torna limpo (característica associada à burguesia) e superior aos corpos considerados sujos. Mas o banheiro público nunca serviu apenas para esse objetivo. Naquele período, “códigos conjugais e domésticos” foram criados como parte do projeto disciplinarizador do capitalismo que se consolidava (Preciado, 2019, p. 1): para aumentar a mão de obra no ritmo e volume necessários à industrialização e manter as novas relações de poder (não apenas as econômicas) era preciso estimular e administrar a reprodução da espécie, daí que a reprodução se torna um destino universal, a masturbação e outras práticas sexuais não reprodutoras são proibidas, o corpo da mulher se torna objeto clínico etc. (Foucault, 2018).

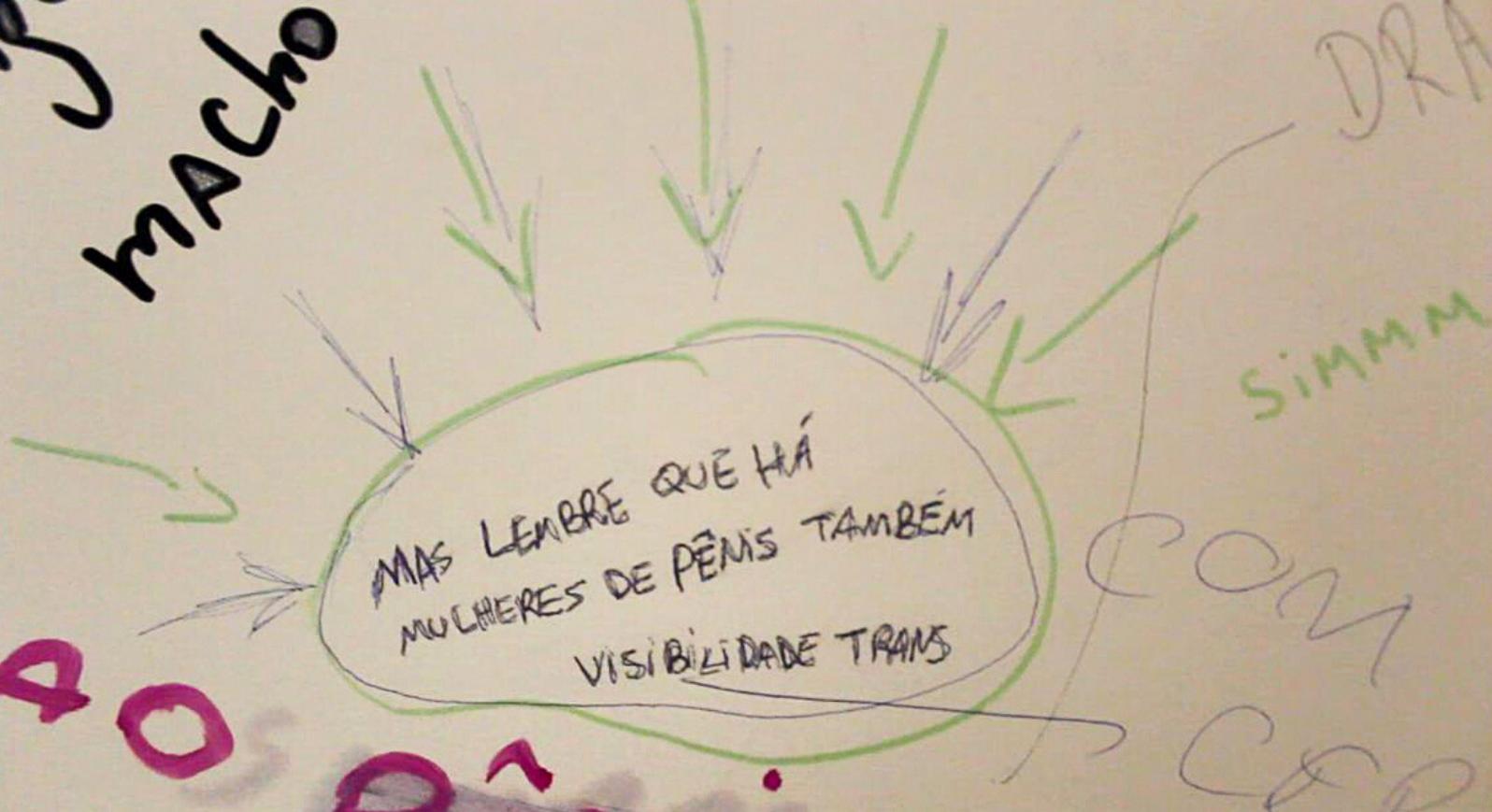
O termo “literatura proibida” no subtítulo do livro de Barbosa (1984) denota o caráter subversivo dos pixos nas paredes de cabines de banheiro. Estas não são superfícies feitas para escrever e menos ainda para falar sobre sexo e sexualidade. No entanto, os principais assuntos rabiscados referem-se ao sexo, principalmente entre homens. Entre eles, “viado” e “cu” são os vocábulos mais frequentes na pesquisa

de Barbosa, que analisou mais de mil escritos em banheiros públicos masculinos, femininos e mistos. O banheiro serve para mais do que evacuar. Na verdade, esta é a sua função menos importante (Preciado, 2019). A divisão de gênero nos banheiros delimita os diferentes códigos de subjetivação aos quais cada corpo é sujeito, e a arquitetura é o meio pelo qual esses códigos são executados. O mictório no banheiro masculino permite a exposição do poder do falo e a ocultação do ânus tem seu lugar no reservado, distinção existente apenas na esfera pública. Por outro lado, a privação total da intimidade do corpo e o grande espelho para retocar a imagem (e vigiar as outras mulheres) reproduzem a intimidade do lar, a ocultação e a proibição da sexualidade feminina no espaço público (Preciado, 2019). Como afirmamos anteriormente (Almeida, 2018), baseado na crítica de Maia (2012) à dicotomia apresentada por Preciado, no banheiro público, práticas sexuais entre homens e a presença de corpos dissidentes da cisgeneridade, desterritorializam aquele espaço, dotando-o de novos significados a partir de relações, comportamentos e formas de existência desautorizadas em seus limites físicos. A lembrança de se esconder no banheiro da escola para se proteger do bullying ou para chorar deve ser comum a muitos de nós. Mas, para alguns, o banheiro se torna um pesadelo ao longo da vida. As Figuras 1, 2, 3 e 4 apresentam pixos de

banheiros femininos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, registrados em 2019. Neles, diálogos sobre o uso do banheiro feminino por mulheres trans são construídos a partir de opiniões divergentes e de falas transfóbicas. A agressão física (“Tem que levar um pau”) e a associação do corpo de mulheres trans ao corpo de homens cisgêneros através da genitália compõem uma atmosfera violenta e inóspita.



Pixos nos banheiros femininos da FFLCH-USP #1.
Foto: G. P. Gomez, 2019.



Pixos nos banheiros femininos da FFLCH-USP #2.
Foto: G. P. Gomez, 2019.

Pixos nos banheiros femininos da FFLCH-USP #3.
Foto: G. P. Gomez, 2019.





Pixos nos banheiros femininos da FFLCH-USP #4.
Foto: G. P. Gomez, 2019.

As disputas de poder que constituem a sociedade e colocam na marginalidade corpos dissidentes das normas sociais são também expressas nos banheiros públicos. Isso é visível nos pixos acima. Das frases preconceituosas às piadas, denúncias e ilustrações, essas paredes contêm elementos que marcam a presença de corpos que se apresentam de forma desobediente naquele lugar e acabam por atribuir novos significados a ele, como veremos mais à frente.

Já nas ruas, os pixos não trazem muito conteúdo sobre gênero e sexualidade. Recentemente, temos visto intervenções como Pixa Bixa em Lisboa, Portugal (Figuras 5 e 6), e os registros compartilhados pelo projeto Trans Marginais em Campinas, SP (Figuras 7 e 8), que explicitam o gênero e o sexo pelas ruas das cidades, rompendo com a suposta neutralidade sexual do espaço público, que, na verdade, é pensado por e construído para homens cis-heterossexuais brancos. Na página do Facebook do projeto BIXA PIXA há registros de pixos feitos entre 2014 e 2016 em João Pessoa, Recife, Santos e São Paulo. O perfil BIXA 071 no Instagram apresenta um acervo de pixos em Salvador, BA (Figura 9). Algumas outras intervenções compõem os muros de São Paulo, como o pixo “transVI△D△!” (Figura 10).



Pixo e grafite do projeto Pixa Bixa, Lisboa, Portugal.
Fonte: @pixabixa_lx.



Outro pixo do projeto Pixa Bixa, Lisboa, Portugal.
Fonte: @pixabixa_lx.

20.
A CISGENERIDADE
É UM COMPROMISSO
COM A MENTIRA.
NB.CARÃO

“A cisgeneridade é um compromisso com a mentira”.
Campinas, SP. Autoria de nb.carão. Fonte:
@transmarginais.

“E as cotas trans caralho?”. UNICAMP, Campinas, SP. Fonte: @transmarginais.



...
COTAS
RANS
ALHO?

YOGA
Yoga with Purpose
...
...
...

2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS <i>LA DRA</i> #HistoriaParaMarcelo
<i>CORRUPTA</i> 2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo
2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo
2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo	2 ANOS #HistoriaParaMarcelo





“Ser bixa é do caralho. Bixa tb pixa. Fonte:
@BIXA071

Pixo “transVI△D△!” no distrito do Butantã, São Paulo, SP. Foto: Vinicius Santos Almeida, 2018.



Há mais tempo e com maior frequência, corpos gênero e sexo-dissidentes pixam os banheiros públicos. Deixam mensagens nas paredes, algumas explícitas, outras codificadas para os 'do meio'. Marcam e partilham sua passagem por aquele ambiente. Talvez esses escritos incomodem mais pelo seu conteúdo do que pela 'sujeira' que deixam, como é expresso nas respostas aos pixos apresentados até aqui e ao contrário dos pixos das ruas. Concordamos com a afirmação de Cripta Djan (2015), um dos pixadores brasileiros mais reconhecidos atualmente, de que o pixo não inutiliza um muro (o que, ao pé da letra, combate à tese da criminalização), mas o ressignifica através de uma ação radical. No nosso caso, o que seria ressignificar o espaço de um banheiro público? E por que o fazer? Os incômodos com pixos que demarcam a presença de corpos dissidentes indicam o potencial disruptivo dessas intervenções. Os muros não são apenas divisórias, mas elementos fundamentais no jogo da ocultação e aparência, vigilância e controle. Esses conteúdos são repletos de conflitos e expressam relações de poder, por isso podem ser instrumento de análise social. Haveria uma relação entre a literatura latrinária e a contra-teoria dos pixos das ruas? Márcia Tiburi (2015, p. 39-40) encontra uma dimensão teórica na constituição da pixação como prática contestatória. Para ela, o "direito visual à cidade" é reivindicado através de um

terrorismo poético e estético" e também político. No campo filosófico, trata-se de um "terrorismo conceitual" que produz um saber organizado e coerente sobre o mundo, para além da estética. Uma contra-teoria que tem como alvo a ideologia do muro branco das cidades, a luta contra uma linguagem higienista, falsamente neutra e compactuada com a reprodução da cidade capitalista. Esse direito visual à cidade do qual fala Tiburi é um direito à existência para além do controle biopolítico. Trata-se de reconhecer a existência de outras formas de falar e que a verdade sobre as coisas é produto de disputas de poder entre linguagens, corpos, aparências e ações. Tiburi (2015, p. 43) reivindica "o fim da sociedade da aparência pelo direito visual à cidade como direito a aparecer. E como direito à impureza, à sujeira". O próprio discurso jurídico define o pixo como conspurcação (Brasil, 1998; 2011): sujidade, mancha, difamação. E onde estão os pixos de banheiro se não nos lugares mais emblemáticos da sujeira urbana? Se os pixos de banheiro de fato produzem novos significados espaciais, será que tais significados alteram as concepções de intimidade, privacidade e limpeza? O perigo e a transgressão que o pixo representa seriam elementos dialéticos de sustentação da normalidade? Seria necessário construir novos futuros ou a destruição basta? A quem serve muros brancos e paredes limpas? Quem disse que a noção limpeza não é ideológica? O pixo não se

inscreve no nada. Sempre há ideologia pré-existente ao ato da pixação, e ela mesma é uma resposta a outras. O pixo carrega em si uma disputa política, porque linguagem é veículo transmissor de discurso. Quem nunca é ouvido, grita. Entendemos que nesse processo está implicado mais do que uma violação ao bem privado ou coletivo, caminhos são pavimentados para que ocorra uma reescrita do espaço. Reparemos nas conexões: controle tecnobiopolítico – capital financeiro – especulação imobiliária – planejamento urbano – gênero e sexualidade. Se a pixação de banheiro nos apresenta um conjunto organizado de saberes sobre o corpo que nos permite ler a realidade, ela se enquadra no que Jack Halberstam (2020, p. 39, *itálico do autor*) chama de baixa teoria: “[...] uma espécie de modelo teórico que voa fora do alcance do radar, que é formulada a partir de textos e exemplos excêntricos e que se recusa a confirmar as hierarquias do saber que mantêm o alto em alta teoria”. Não se trata aqui de defender a pixação; ela nunca precisou ser defendida. Aliás, ela precisa de seu status de perigo à ordem para continuar transgredindo. Sabemos o que acontece quando o capitalismo se apropria de movimentos radicais: da subversão à assimilação é um passo muito curto (e lucrativo), vide o movimento lgbt. Trabalhem a partir de muros em decomposição. Trabalhem a partir da cidade em ruínas. Aceitemos a destruição do espaço normativo como

ferramenta de ação política. A radicalidade na qual se produz a pixação é produtiva: “Ação afetivo-reflexiva em uma sociedade violenta que não aceita a violência que advém como resposta a um estado de violência” (Tiburi, 2015, p. 52).

O pixo educa

Pixos de banheiros universitários têm suas especificidades. Barbosa (1984) observou maior incidência de temas relacionados à sexualidade, política e drogas, nessa ordem, nesses ambientes. Em levantamento e análise que realizamos em 2017, já citado, os banheiros universitários continham mais pixações sobre política e diálogos entre pixadores do que em banheiros de uma rodoviária e de um parque público. São rotinas, públicos e frequências diferentes, e é isso o que nos interessa aqui. O que os pixos de banheiro revelam sobre o que não é dito em outros espaços nos quais se perde o privilégio da autoria desconhecida? Quantas vezes paramos para entender o que as paredes dos banheiros nos dizem sobre o espaço? Seu conteúdo, com o qual todas as pessoas já tiveram contato alguma vez, é considerado menos merecedor de uma análise crítica. Tal como o ato de cagar e mijar, o pixo de banheiro não tem significado, é apenas sujeira. Grande engano. Onde começa a transformação na orientação analítica? Alanis Bello Ramírez (2018) reflete sobre uma prática

pedagógica, chamada de transpedagogia, comprometida com o questionamento das normas na produção do saber. A transpedagogia baseia-se em uma “forma rara, incômoda y perturbadora” de pensar no espaço educativo – e não seria o banheiro também um espaço que nos ensina sobre gênero?

A escola é um dos primeiros ambientes que nos ensina que corpos bixas, sapas, trans, travestis, não-binários, racializados, com deficiências, não são existências dignas de reconhecimento. Não são medidos esforços para nos expulsar da sala de aula e inserir nossos registros nas estatísticas de ‘evasão’ (leia-se ‘exclusão’). Quanto menos nossos corpos conseguem se adaptar à sobrevivência, mais rápido se rompe a corda que nos conecta ao espaço escolar.

Chegar à universidade, para muitos, é uma enorme conquista. Mas não deixa de continuar sendo uma guerra pela permanência. Os pixos nos banheiros são as nossas vozes, que se sobrepõem a outras e que estão em conflito porque nós estamos em conflito. Nessa intervenção visual, são travadas disputas contra todos ao redor. A não dignidade é uma condição da nossa existência. Somos corpos que pesam e vidas que não merecem o luto (Butler, 2019; 2018).

Una perspectiva pedagógica trans debe avanzar sobre estas regulaciones del cuerpo hacia una crítica que lo arranque de la naturaleza y lo lleve hacia el terreno del poder y la disputa [...] Se trata de pensar otra forma de educación sexual

que cuestione la concepción del cuerpo como dotado de funciones reproductivas, como algo diseñado para el sexo heterosexual y como algo sujeto a mutación a partir de su naturaleza biológica (Ramírez, 2018, p. 115).

Não basta saber o que os muros dos banheiros dizem. É preciso questionar as concepções naturalizadas da existência humana, como gênero, que atribuem significados aos espaços. Acreditamos na proposta de uma transpedagogia de romper com o pensamento universal, acrítico, que fundamenta a hegemonia cis-heterossexual no discurso e na materialidade. Abrir a cabeça para conhecimentos (pixo é saber comunitário) produzidos a partir de baixo é um processo complexo de reeducação da mente e do corpo. E, nesse processo, não precisamos sonhar com futuros coloridos de inclusão, podemos aproveitar as implosões. O pixo de banheiro nos permite dizer que ainda podemos desejar-e-ser.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vinicius Santos. Bixa também pixa: a pixação gay nos banheiros masculinos como uma contestação do espaço heteronormativo. *Periódicos*, n. 10, v. 1, pp. 343-372, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/25282>. Acesso em: 9 abr. 2021.

BARBOSA, Gustavo. *Grafitos de banheiro: a literatura proibida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm#art65. Acesso em: 9 abr. 2021.

BRASIL. Lei n. 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm. Acesso em: 9 abr. 2021.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2018. 5. ed.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1, 2019.

DJAN, Cripta. A criminalização da pixação. *Vaidapé*, n. 4, jun. 2015. Disponível em: <http://vaidape.com.br/2015/06/a-criminalizacao-da-pixacao/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2018. 7. ed.

FRANCO, Sergio Miguel. *Iconografias da metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: <https://www.doi.org/10.11606/D.16.2009.tde-18052010-092159>.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. *Acorda Alice, aluga um filme pornô - Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA*. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 3, n. 1, pp. 30-36, 2012. DOI: <http://doi.org/10.5212/Rlagg.v.3.i1.030036>.

LASSALA, Gustavo. *O que a pixação tem a dizer*. Drops, São Paulo, n. 075.02, 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/drops/14.075/4989>. Acesso em: 9 abr. 2021.

LARRUSCAHIM, Paula Gil; Schweizer, Paul. A criminalização da pixação como cultura popular na metrópole brasileira na virada para o século XXI. *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, n. 15, v. 1, pp. 13-32, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18759/rdgf.v15i1.650>.

PRECIADO, Paul B. *Lixo e gênero, mijar/cagar, masculino/feminino*. *eRevista Performatus*, n. 20, 2019. Disponível em: <https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

RAMIREZ, Alanis Bello. *Hacia una trans-pedagogía: reflexiones educativas para incomodar, sanar y construir comunidad*. *Debate Feminista*, v. 55, pp. 104-128, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22201/ceig.01889478p.2018.55.05>

TIBURI, Marcia. *Direito visual à cidade. A Estética da Pixação e o caso de São Paulo*. *Redobra*, n. 12, p. 39-53, 2013. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/?page_id=157. Acesso em: 9 abr. 2021.

BIXA 071. Disponível em: <https://www.instagram.com/bixapixa/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

BIXA PIXA. Disponível em: https://www.facebook.com/BIXA-PIXA-247887405412723/?ref=page_internal&rdc=2&rdr. Acesso em: 9 abr. 2021.

Pixa Bixa. Disponível em: https://www.instagram.com/pixabixa_lx/. Acesso em: 9 abr. 2021.

Trans Marginais. Disponível em: <https://www.instagram.com/transmarginais/>. Acesso em: 9 abr. 2021.